

SYLVIA GOYANNA

Durante muito tempo a arte de SYLVIA GOYANNA esteve condicionada às formas utilitárias. Ainda hoje a figura é inequivocamente objetiva: um vaso.

Entretanto, começa a surgir em seu trabalho uma certa dualidade, na medida em que a forma deixa de ser objetiva para ser somente a contradição da própria aparência. Isto significa que a peça toma o lugar do suporte e o suporte – o cubo transplantado para outra dimensão estética – toma o lugar da peça, ambos lutando pela ocupação do espaço principal, numa experiência semelhante àquela protagonizada anteriormente por Brancusi, que integrava o suporte à escultura. Esta relação dualista, proveniente de uma transposição ainda híbrida do figurativo para o abstrato intencional e não real, empurra a artista para uma luta constante entre a subjugação da obra a um sentido irreal e a sua conceituação prática. A angústia é viva, palpável, definível, o que nos transporta diretamente a De Chirico e sua pintura metafísica (a presença e ao mesmo tempo a ausência da figura).

Afinal, o que é mais importante? Valores definidos ou valores imaginados? Fica a pergunta como forma de apresentar as matérias básicas da arte cerâmica: terra, água, o fogo e as formas – principalmente o vaso e sua filosofia – vistas sob a ótica de uma crítica feroz à inversão de valores tão comuns na sociedade contemporânea.

Suraya Burlamaqui